

VIOLÊNCIA

Jovens seduzidos pelo ódio

Estudiosos do fenômeno dos atentados praticados por crianças e adolescentes apontam o extremismo de direita como fator de atração

» TAINÁ ANDRADE

A repetição de ataques às escolas, em uma crescente há pelo menos dois anos no Brasil, não é acaso. Para estudiosos do tema, há um “rito de crime”, observado nos atentados de Barreiras (BA), Sobral (CE), Aracruz (ES), São Paulo (SP) e Blumenau (SC). Apesar dos contextos serem diferentes, as motivações são as mesmas: o extremismo. Em comum, foram identificados fatores como a glorificação do atacante por uma comunidade mergulhada em sua visão deformada de mundo. A cada novo ataque, o gatilho é acionado para mais datas serem celebradas. É unânime o diagnóstico de que o enfrentamento eficaz dessas ações está na prevenção para evitar que jovens sejam contaminados pelo discurso de ódio.

No ambiente digital aberto, as comunidades de ódio têm servido de espaço para a disseminação de ideias extremistas. “A radiografia desses grupos é masculinista, de ódio às mulheres, é fenômeno de ódio às pessoas negras e LGBTQIA+.” Soma a isso três fatores que desembocam em ambientes de gamers, paintballs, clubes de tiro, que cultuam o pensamento neonazista e fascista. (Os jovens) viveram algum tipo de frustração e humilhação, como é comum na fase da adolescência. De forma complementar temos um fato que é a glorificação dos atacantes”, descreve Daniel Cara, professor da Faculdade de Educação na Universidade de São Paulo (USP).

Cara participou do grupo de trabalho da Educação no governo de transição e contribuiu com o relatório *O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental*, que define duas linhas principais de combate ao problema: coibir o extremismo de direita e fazer com que os jovens deixem de ser

Eduardo Valente



Creche Cantinho Bom Pastor é mais um alvo dos ataques a escolas que se repetem no país. Para estudiosos, jovens extremistas seguem um “rito do crime”

o instrumento dessa ideologia.

“(Os jovens) são recrutados para se tornarem agentes de violência contra a sociedade por meio das escolas. As escolas são espaços deles de sociabilidade. Mas, às vezes, alguns encontram essas comunidades de forma autônoma, até porque, de 2019 para cá, isso passou a ocorrer nas redes comuns. Porém, o recrutamento para essas comunidades é feito por adultos. A gente precisa ter a capacidade de prevenir, evitar. E o outro desafio é resgatar os jovens que estão nessas comunidades de ódio. É uma situação calamitosa”, ressalta o professor.

Roseli Lins, professora no curso de psicologia e coordenadora do Programa de Apoio e Orientação (Proato) da Universidade

Presbiteriana Mackenzie, chama a atenção para como os estudantes envolvidos nesses massacres estão se relacionando com o ambiente escolar. “Imagino que é uma relação ruim que ele estabelece com esse lugar, que é um lugar de formação, de relacionamentos, mas que, para ele, foi um lugar de muito bullying, muita angústia, muita humilhação”, explica.

A especialista concorda com a tese de que a escola é um laboratório de relacionamento, por isso, é fundamental a avaliação constante e a interferência para abrir caminhos de reflexão sobre situações na convivência entre professor-aluno e aluno-aluno. “Quando há alguma situação que implique agressividade, violência, bullying, é preciso que a

escola trate disso, discuta com as crianças desde muito pequenas até adolescentes e jovens. O conteúdo é importantíssimo, é na escola que isso acontece, mas não dá pra deixar de lado outras questões que, muitas vezes, acabam gerando situações tão graves de violência”, pondera.

Ainda sobre o que é ensinado no ambiente escolar, Catarina de Almeida, integrante da Rede da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação e Rede Nacional de Pesquisa sobre Militarização da Educação, ressalta que a redução da grade curricular de disciplinas de ciências humanas, que fomentam o debate de temas voltados ao desenvolvimento humano, é preocupante.

Papel dos pais

“Não se pode dizer que é um problema de violência escolar e responsabilidade escolar. Não é um ataque à escola, mas contra a escola, e muito voltado à diversidade. Por isso, discutir como ter escolas com processos mais democráticos, que possam desenvolver projetos com mais criatividade, que permitam aos alunos expressarem mais os sentimentos, e que os gestores acompanhem mais de perto essa comunidade, é fundamental”, avalia.

De um lado, há a dificuldade dos pais em lidar com os filhos agressores e, por outro, o crescimento da visibilidade de figuras públicas promovendo discursos de ódio com uma velocidade de



“A radiografia desses grupos é masculinista, de ódio às mulheres, é fenômeno de ódio às pessoas negras e LGBTQIA+. O desafio é resgatar os jovens que estão nessas comunidades de ódio. É uma situação calamitosa”

Daniel Cara, professor da Faculdade de Educação da USP

disseminação muito grande.

“Há uma dificuldade generalizada em lidar com os agressores. Os pais, muitas vezes, sabem que o estudante vai cometer um ataque, mas não agem a tempo. Deve ser demonstrado o limite, não se pode abdicar do papel corretivo com adolescentes e jovens. Se tem dificuldade, tem que envolver serviços psicológicos, Conselho Tutelar, até ação policial. Se não tem instrumento para agir com o filho, tem que buscar fora, o que não pode é não tratar o caso com a devida urgência”, alerta.

Daniel Cara frisa que os responsáveis, seja a comunidade escolar, seja a família, deve assumir um papel corretivo, inclusive envolvendo forças de segurança.

PF investigará neonazistas na internet

» MARIANA ALBUQUERQUE*

O ministro da Justiça, Flávio Dino, assinou, ontem, uma determinação para que a Polícia Federal instaura inquérito para investigar a atuação de grupos organizados de caráter fascista e neonazista no Brasil. Ele disse que pode haver crime configurado na lei que tipifica preconceito de raça ou de cor, que também abrange discriminação por etnia, religião ou procedência.

De acordo com investigações em curso, integrantes desses grupos já identificados atuam ativamente em fóruns da internet, redes sociais e jogos on-line, em que predominam discursos de ódio,

misoginia, supremacismo branco, bullying e apologia ao nazifascismo. Segundo ele, esse tipo de discurso continua reverberando entre os internautas mais jovens.

Representantes da pasta se reuniram, ontem, com a Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp) para discutir a violência em escolas e universidades. O objetivo é traçar estratégias para prevenir e reprimir ações violentas que tenham como alvo as instituições educacionais.

“A Senasp vai fazer reunião com as delegacias estaduais de investigação e repressão a crimes cibernéticos. Na pauta, uma operação integrada em todos os

estados sobre violência em escolas e universidades”, escreveu Dino, em suas redes sociais.

Congresso se mobiliza

A Câmara dos Deputados vai analisar, ao longo das próximas semanas, projetos de lei que têm como objeto coibir e prevenir ataques violentos em estabelecimentos de ensino do país. Apenas nos últimos dois meses, foram apresentados nove projetos sobre o tema, a maioria com propostas para aumentar os procedimentos de segurança para o ingresso nas escolas.

O deputado Alberto Fraga (PL-DF) defende a instalação de detectores de metais nas entradas

de unidades de ensino. O deputado Kim Kataguirí (UB-SP) defende a revista em mochilas de estudantes e regras para disciplinar a divulgação desse tipo de ataque na mídia. Luciene Cavalcante (PSOL-SP) propõe a criação de uma comissão parlamentar de inquérito para investigar os casos. A Frente Parlamentar Mista da Educação, presidida por Tábata Amaral (PSB-SP) tem como proposição criar uma coordenação permanente de uma política nacional de saúde mental nas escolas, com protocolos de segurança e monitoramento de discursos de ódio.

*Estagiária sob a supervisão de Vinícius Doria

Isaac Amorim/MJSP



Flávio Dino: discurso de ódio na internet reverbera mais entre jovens

TRABALHO ESCRAVO

MP denuncia traficante de jovens para a Tailândia

» RENATO SOUZA

O Ministério Público Federal (MPF) denunciou, ontem, um homem acusado de traficar brasileiros para trabalho escravo no exterior. De acordo com as investigações, as vítimas eram

recrutadas no Brasil por meio das redes sociais, como Instagram, Facebook e WhatsApp, com a promessa de que seriam levadas à Tailândia para empregos com salário de US\$ 1,5 mil (R\$ 7,5 mil). No entanto, ao chegar em Bangkok, as vítimas – jovens

brasileiros – eram entregues para uma organização criminoso comandada por chineses.

Elas eram levadas para o país vizinho Mianmar e ficavam em um condomínio fechado, isolado, com vigias armados, conhecido como “KK Park”. No condomínio, eram obrigadas a assinar contrato de trabalho e tinham os passaportes retidos. Para atrair as pessoas, em São Paulo, o homem fazia postagens exibindo suposta vida de luxo

na Tailândia. Ele ganhava entre US\$ 500 e US\$ 1.000 para cada pessoa traficada. Ele teria levado ao exterior, pelo menos, 12 pessoas. O acusado está preso desde dezembro do ano passado.

As vítimas eram obrigadas a aplicar golpes em cidadãos dos Estados Unidos. “O trabalho consistia em aplicação de golpes pela Internet. As vítimas eram obrigadas a estabelecer contato com americanos idosos, passando-se por mulheres bem-sucedidas,

visando posterior aplicação de recursos em criptomoedas fraudulentas. A parte final do golpe era feita por chineses também escravizados. As jornadas de trabalho chegavam a 14 horas diárias, sob condições degradantes, com pouco ou nenhum intervalo para descanso, sendo necessária autorização até para ir ao banheiro”, informou o MPF.

Os jovens traficados tinham de pagar por itens de higiene, e eram cobradas multas caso não

atingissem as metas definidas pelos exploradores. Quem tentava denunciar era preso em um local isolado. O resgate foi feito por autoridades do Brasil, após o recebimento de denúncias. “As vítimas tinham notícia de que, no mesmo local, eram praticados crimes de tráfico de órgãos, entre outros. O resgate das vítimas só foi possível após a comunicação dos fatos ao MPF, e foi realizado pelo governo brasileiro, no fim do ano passado”, completou o Ministério Público.

>> DEUNO www.correio braziliense.com.br

FAB fecha corredor aéreo em Roraima

A Aeronáutica fechou, às 21h de ontem, o corredor aéreo que permitia o tráfego de aviões sobre a Terra Indígena Yanomami, em Roraima. Os corredores permitiam a saída voluntária de trabalhadores dos garimpos ilegais. Aeronaves flagradas na região serão interceptadas e, em caso de desobediência à ordem de aterrissagem, poderão ser atingidas por tiros de advertência.

MEC libera cursos de medicina

O Ministério da Educação (MEC) autorizou a abertura de novos cursos de medicina pelo país, sobretudo em localidades que tiverem necessidade de profissionais de saúde. Os primeiros chamamentos públicos serão divulgados em até 120 dias. A moratória que impedia a abertura dos cursos vigorava desde 2017. Os novos cursos seguirão critérios voltados para a inclusão social.

Salvador: onda joga turista ao mar

Uma turista do Amapá morreu no Farol da Barra, em Salvador, após ser arrastada das pedras por uma onda. Estelita de Oliveira, de 59 anos, estava tirando fotos com o filho quando foi atingida e caiu no mar. O corpo de bombeiros resgatou a turista, mas ela não resistiu e morreu no local, após procedimentos de emergência dos paramédicos.